

Recensões bibliográficas

DONATI, Angela - *Epigrafia romana: la comunicazione nell'antichità*. Bologna: Il Mulino, 2002. 112 p. Ilustr. ISBN 88-15-08636-6.

O volume integra-se numa série de “livros de bolso” (digamos assim) promovida pelo Departamento de História Antiga da Universidade de Bolonha, na colecção «Itinerários», onde cabem um estudo de Gabriella Poma sobre *Le istituzioni politiche del mondo romano*; um outro, de Emanuela Ercolani, sobre a moeda no mundo antigo; e, desde já, um 4.º, de Paola Donati Giacomini, a propósito da utilização da informática no estudo da História Antiga.

Não se trata de um manual no sentido preciso do termo, se considerarmos que “manual” tem de ser eminentemente didáctico, claríssimo na sua divisão em partes. Na verdade, o subtítulo — «A comunicação na Antiguidade» — trai a diferença: o monumento epigráfico romano é, aqui, pretexto para um ensaio acerca do modo como se processava a comunicação, tendo em conta, porém, as suas características singulares, de mensagem sintética, duradoura, pensada e destinada a atingir objectivos muito próximos dos que, na actualidade, pertencem ao domínio do marketing e da publicidade comercial e política.

A simples enumeração dos capítulos o evidencia claramente: “comunicar antigamente”, “inscrições bilingues e plurilingues, sua função”, “a linguagem do sagrado”, “a linguagem da política”, “conservar em arquivo”, “a inscrição, instrumento para a conservação da memória”, “inscrições pintadas, grafitos, carimbos”.

De permeio, em linguagem escorreita, que se lê como um romance tantos são os exemplos aduzidos, vão sendo destilados inúmeros conhecimentos técnicos que, mesmo sem o querer, acabam por aproximar o livrinho das regras a que obedeceria um manual.

Dedicado à «cara memória de Giancarlo Susini, o Mestre, o Amigo, o inesquecível Companheiro de tantas aventuras científicas», a obra mais constitui como que uma conversa à lareira, a recordar muitos caminhos percorridos, na lhaneza de quem sabe entrelaçar, no fio da meada, saberes muitos, hauridos nesse já fecundo caminhar.

O uso de siglas (p. 9); a extracção dos blocos nas pedreiras, a gravação do texto e o significado cultural dos erros (p. 11-13); a razão de ser do bilinguismo, nomeadamente nas *Res Gestae Divi Augusti* (p. 16-17); a função dos miliários (p. 33-35); as letras pintadas (p. 70-71)... enfim, aqui e além, ao correr da pena, ilustrado com inúmeros exemplos (como se disse), o “romance” de muitas vidas sinteticamente perpetuadas em escassas linhas, gravadas, um dia, sobre material duradouro. Vidas particulares, do povo anónimo, reflexo também de toda uma mentalidade que na epígrafe deixou rasto imorredouro.

Não é, seguramente, intenção de Angela Donati fornecer aos historiadores provas do que vem escrito nos livros. Contudo, não deixa de ser elucidativo verificar, por exemplo, como, ainda em pleno século II d. C., os habitantes da Sicília conheciam melhor o Grego que o Latim, a demonstrar, portanto, uma resistência fora do comum ao processo de latinização (p. 17).

Sabemos das reformas dos Gracos; mas não deixa de ser esclarecedor o achamento, na região de Santo Ângelo in Formis, de um cipo (*CIL X 3861*) onde expressamente se diz (p. 43-44):

«Gaio Semprónio Graco, filho de Tibério; Ápio Cláudio Pulcro, filho de Gaio; Públio Licínio Crasso, filho de Públio, membros da comissão de três membros encarregada da divisão e atribuição das terras. No cruzamento entre o XI *cardo* e o I *decumanus* à esquerda [do *decumanus* máximo]».

A prova documental segura do trabalho efectuado no terreno, sem margem para dúvidas, desta comissão cuja criação e existência, em 133 a.C., nos é transmitida pelos livros.

E se nos cativa a informação de que um pintor de propaganda eleitoral, em Pompeios, trabalhava sozinho e à luz do luar — *Scr(ipsit) / Aemilius / Celer sing(ulus) / ad luna(m)* [CIL IV 3884] — também surpreenderá que, num texto de *Thurburbo Maius*, em África, se determine que todos aqueles que desejem subir ao pódio do templo dedicado a Esculápio por Lúcio Numísio Vidal, devem, nos três dias anteriores, «não ter relações sexuais, não comer carne de porco nem favas, não cortar o cabelo, não ir a termas públicas», acrescentando-se que, para além das cancelas, não se pode passar calçado: «cancellos calciatus intrare nolito» (p. 30).

Curiosa igualmente a referência a uma «epigrafia cega», isto é, constituída por aquelas ‘anotações’ que se destinam apenas a ser lidas no momento em que o objecto é utilizado. Isso que aconteceu, por exemplo, no caso do tijolo encontrado em *Eburobrittium* por José Beleza Moreira, onde o operário encarregado de proceder à sua contagem escreveu na pasta ainda por secar: «usque hic CCC», «são 300 até aqui» (cf. *Serta Antiqua et Mediaevalia*, VI, Roma, 2003, p. 168-169).

Claro que, em circunstâncias destas, apetece saber mais. Ângela Donati resistiu, porém, a alongar-se, quando, *verbi gratia*, a pena lhe poderia ter escorregado para escrever um pouco mais acerca dos banquetes funerários (p. 62) ou, na p. 54, sobre a importância da inscrição como forma de «salvar o nome do esquecimento», para usarmos a feliz expressão de Gabriel Sanders (*África Romana*, 6, Sassari, 1989, p. 43-79); para aduzir uma bibliografia extensa; ou para aumentar o já de per si bem significativo apêndice ilustrado (p. 79-101: 11 fotografias de epígrafes singulares, com adequado comentário) e o rol das abreviaturas epigráficas (p. 109-111).

Não é livro expressamente para epigrafistas; mas é tão seu o universo em que se movimenta que Ângela Donati «esqueceu» (diríamos), aqui e acolá, esse outro público a que efectivamente se dirigia. Assim, refere, na p. 76, «Audollent, 286» sem que este livro clássico (A. Audollent, *Defixionum tabellae quotquot innotuerunt tam in Græcis quam in Occidentis partibus præter Atticas in C. I. A. editas*, Paris, 1904) venha referido na bibliografia. Na p. 70, a menção aos interessantes textos pintados nas paredes da Cueva Negra certamente aliciará os leitores a quererem conhecer pormenores e, por isso, talvez não houvesse sido despropositado citar o volume *La Cueva Negra de Fortuna (Murcia) y sus tituli picti (un santuario de época romana)*, editado por A. González Branco, M. Mayer Olivé e A. U. Stylow, n.º IV das monografias da Universidade de Múrcia *Antigüedad y Cristianismo*, 1987. Igualmente não resisto a uma comparação de âmbito ortográfico: na referida *tabella defixionis* de Hadrumetum (p. 76) usa-se a expressão «demando tibi ex anc ora anc die ex oc momento»; ou seja, regista-se a contaminação da linguagem oral na escrita, patente na falta do h inicial, no uso incorrecto do caso do pronome demonstrativo (*anc* por *hac*), tal como acontece em idêntica *tabella* de Alcácer do Sal: *unc* por *hunc* (cf. *Religiões da Lusitânia*, catálogo da exposição efectuada no Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2003, p. 259-263).

Pessoalmente, teria também apreciado que A. Donati apresentasse uma conclusão, ainda que singela e em linhas gerais, a sublinhar como a Epigrafia, uma disciplina aparentemente insípida, se revela, afinal, prenhe de interesse.

MALPICA CUELLO, A. - *La Alhambra de Granada: un estudio arqueológico*. Granada: Universidad, 2002, 366 p., ISBN 84-338-2834-7.

A Alhambra de Granada, além de constituir referência fundamental para todos os investigadores que se dedicam ao estudo da permanência muçulmana no *Al-Andalus*, representa um dos derradeiros símbolos do imaginário oriental peninsular. O seu poderoso fascínio tem sido transmitido não só a obras de carácter histórico-arqueológico mas, também, à literatura ficcional, universalmente conhecida, como os famosos “Cuentos de la Alhambra”, de W. Irving, difundindo imagens de riqueza, de requinte cultural e os vastos saberes daquele povo, tal qual poderosa e erudita corte de Bagdad. Não é, pois, de estranhar a numerosa bibliografia publicada, desde o século passado, sobre aquele importante arqueossítio, que, como se sabe, passou por vicissitudes várias em função dos diferentes poderes políticos e administrativos.

Este livro não é, apenas, mais uma obra sobre a Alhambra, mas constitui a mais importante síntese de longa história que se iniciou no século IX, com as primeiras referências à “Colina Roja”, até à sua conquista pelos Reis Católicos, utilizando tanto os testemunhos escritos como os arqueológicos, permitindo “establecer un ritmo en la evolución dela ciudad palatina”, segundo as próprias palavras do seu autor (p. 16, 18, 45).

A obra em epígrafe, organiza-se em cinco grandes capítulos que pretendem compreender a evolução da cidade palatina, levantando questões relativas às funções do espaço, datas de construção, alterações e remodelações que aquele sofreu ao longo dos séculos, e elaborando estudo crítico sobre as nem sempre muito cuidadas intervenções arqueológicas ali efectuadas (Cap. I).

A descrição dos diferentes dispositivos defensivos é detalhada, desde as portas de entrada e torres à couraça, analisando-se as diferentes técnicas construtivas utilizadas e, de igual modo, a interessante reutilização de materiais de edificação romanos em obras do século XI (Cap. II).

O estudo dos palácios e dos respectivos anexos constituem o capítulo central deste trabalho (Cap. III), sendo conferido particular relevo ao palácio de Abencerrajes. São apresentados os resultados das sondagens arqueológicas ali dirigidas pelo autor, durante cerca de cinco anos, contribuindo para a melhor compreensão das várias alterações e fases construtivas daquele espaço habitacional.

A distribuição espacial e vias de ligação das diferentes construções, incluindo as áreas residenciais da designada zona da medina da Alhambra (Cap. IV), foi, também, tratada tal como os sistemas de abastecimento e, em especial, o estudo da rede hidráulica identificada (Cap. V).

Completa esta obra, escrita em linguagem técnica mas perfeitamente acessível, bibliografia activa e exhaustiva que inclui transcrição dos parágrafos considerados mais importantes de diversos autores, que se debruçaram sobre a Alhambra, e servem de suporte a muitas das observações e reinterpretações registadas.

Planta de todo o conjunto monumental, a par de outras e de cortes de pormenores considerados relevantes, assim como fotografias, a preto e branco, ilustram toda a obra, permitindo acompanhar os temas tratados.

O presente livro constitui não só síntese actualizada como proporciona corpo de novos e importantes testemunhos, alargando em muito o que se conhecia da mítica Alhambra. Ele irá facilitar estudos futuros, relacionados tanto com a evolução arquitectónica, como com outras linhas de investigação deixadas, propositadamente, em aberto, visto que “quedan muchas cuestiones por resolver en las que la Arqueología debe inexcusablemente entrar”, como o seu autor reconhece (p. 343). Entre aquelas, parece-nos oportuno referir a falta de estudo sistemático das cerâmicas que terão sido recuperadas, em particular, nas escavações arqueológicas anteriores

mas, de igual modo, o estudo, do espólio exumado no próprio palácio de Abencerrajes, acompanhado pela representação gráfica, que irá, com certeza, contribuir para a melhor compreensão daquele espaço. De facto, quando pensamos na Alhambra ocorre-nos sempre à memória, quase que inconscientemente, os belos jarrões esmaltados de cor branca decorados, nas cores azul e dourada, oferecendo motivos geométricos, fitomórficos, alguns epigráficos e outros zoomórficos, atribuídos à fase final da permanência muçulmana naquela área palatina mas, também, muitas outras importantes peças que serviram as elites ali instaladas.

O excelente trabalho de investigação, que temos vindo a mencionar, contempla a Alhambra do ponto de vista histórico, valorizando, através da Arqueologia, os aspectos patrimoniais, embora nos dê, de igual modo, a conhecer a outra Alhambra, aquela mais antiga, com outros palácios e de outras gentes, numa perspectiva diacrónica, onde os espaços foram necessariamente adaptados a novas vivências.

ROSA VARELA GOMES

